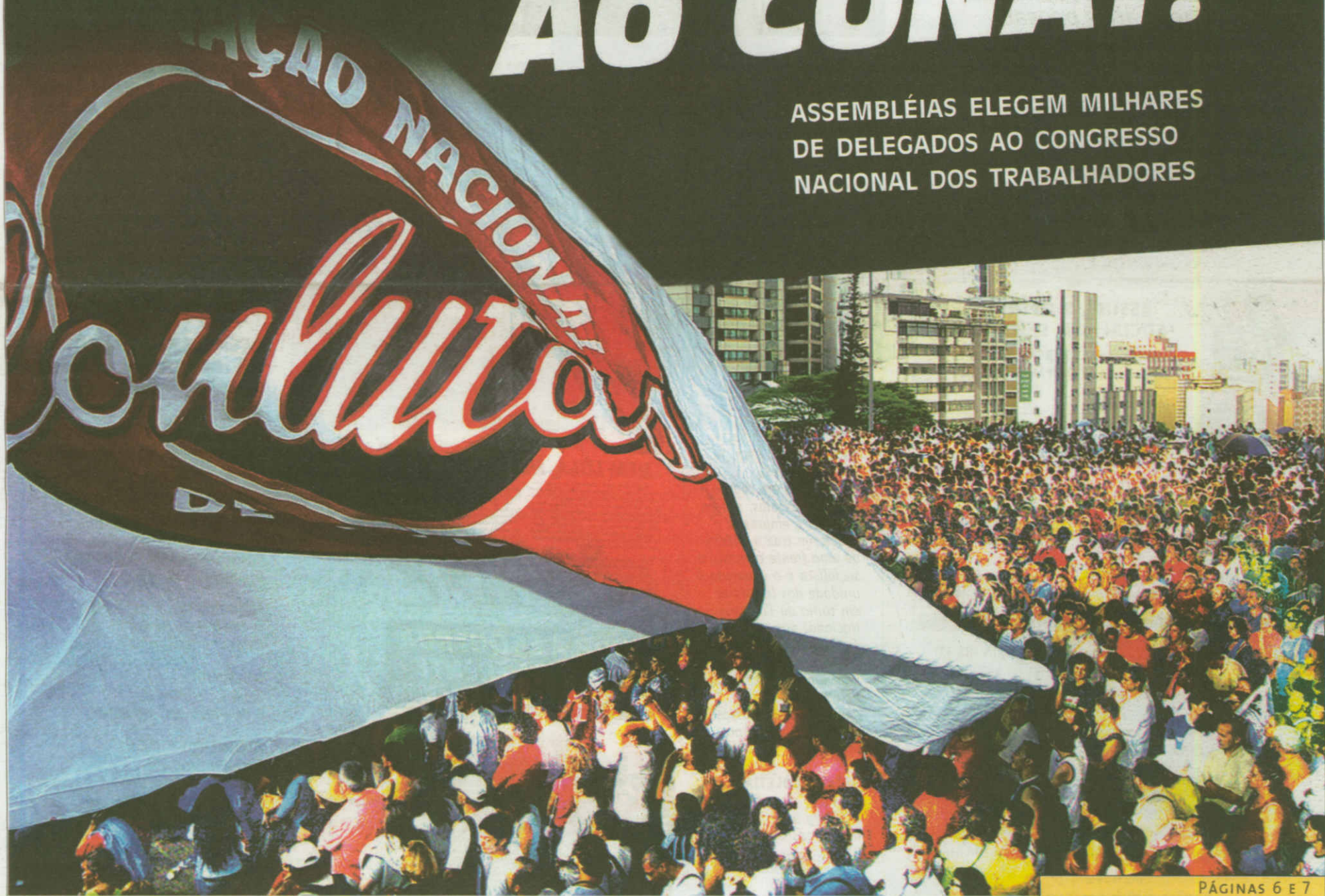
OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
ANO X - EDIÇÃO 252
R$ 2 - DE 23 A 29/3/2006

FOI DADA A LARGADA AO CONAT!

ASSEMBLÉIAS ELEGEM MILHARES DE DELEGADOS AO CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES

PÁGINAS 6 E 7

ALCKMIN: UM 'CHUCHU' DE CANDIDATO PARA OS PATRÕES

PÁGINA 5

MILHÕES DE JOVENS TOMAM AS RUAS DA FRANÇA CONTRA GOVERNO

PÁGINAS 10 E 11

UNIR EM UMA FRENTE CLASSISTA E SOCIALISTA NAS ELEIÇÕES DE OUTUBRO

PÁGINA 12

FAVORES *Na sua entusiástica defesa de Palocci, Lula disse que deve "muito, mas muito de tudo que nós fizemos a um homem chamado Antonio Palocci". Seu caixa de campanha que o diga...*

VALE TUDO *Depois que a imprensa mostrou que o caseiro Francenildo dos Santos recebeu R$ 38 mil em sua conta, a oposição burguesa ameaçou quebrar o sigilo do filho de Lula, o Lulinha.*

VICE-REI

O novo embaixador dos EUA no Brasil será o empresário da área de telecomunicações Clifford Sobel. O nome já foi apresentado informalmente ao governo brasileiro. O governo Bush tem presenteado seus maiores contribuintes de campanhas eleitorais com embaixadas. Nas últimas campanhas Sobel levantou mais de US$ 400 mil para os candidatos republicanos. Recebeu o título honorário de "pioneiro Ranger" do partido, concedido apenas àqueles que trazem mais de US$ 200 mil numa campanha.

FORA CNN!

Nas fantásticas jornadas de lutas dos estudantes franceses uma cena chamou a atenção. Uma equipe da rede norte-americana CNN foi expulsa de uma das manifestações pelos estudantes. A revolta contra a rede de TV se justifica pelo fato de a CNN mostrar apenas imagens de confronto entre os jovens e a polícia nas ruas de Paris, chamando os jovens de vândalos. Mentiras como essa são parte da rotina da CNN. O que esperar de uma emissora que oculta as torturas dos EUA no Iraque e mostra o povo árabe como terrorista?

PÉROLA

"Acho extraordinário ouvir o Lula hoje em dia. Chego até a pensar: 'Mas esse é o Lula ou sou eu?'"

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, *reconhecendo o que todo mundo já sabe: Lula no poder seguiu fielmente sua política neoliberal (Veja, 22/3/2006)*

CHARGE / *GILMAR*

DESCONTROLADO

Em um evento em Sergipe, na semana passada, o presidente Lula enfrentou um grupo de estudantes que pedia a implementação do passe-livre no Estado. A manifestação ocorreu em Aracaju, em evento de inauguração de uma obra. Na entrada, manifestantes queimaram um boneco do presidente e exibiram faixas contra a corrupção do governo. Lula perdeu o controle e respondeu aos estudantes da mesma maneira arrogante que qualquer político da direita faz. "Eu quero cinema de graça, eu quero teatro de graça, eu quero ônibus de graça. Eu também quero tudo de graça, mas nós temos de trabalhar", disse.

TRABALHO SUJO

Reunião do diretório nacional do Partido dos Trabalhadores realizada nesse final de semana fechou questão na defesa de Palocci. Da Articulação ao que restou da antes chamada "esquerda petista", todos defenderam o ministro. Até mesmo o dirigente da corrente O Trabalho, Marcus Sokol. "Queremos a demissão da política econômica, não do Palocci", afirmou Sokol ao jornal Folha de S. Paulo do domingo, 20. Ele poderia até dizer: "é um trabalho sujo, mas alguém tem que fazer".

NÃO TÃO LAICO ASSIM

As revistas semanais desta semana deram amplo espaço para o lançamento da candidatura Alckmin ao Planalto. Na ultra-conservadora Veja, o agora turbinado picolé de chuchu negou integrar a seita católica Opus Dei. Logo em seguida, disse categoricamente ser contra a legalização do aborto: "não vamos achar que vamos resolver o problema legalizando o aborto".

ASSINE O OPINIÃO SOCIALISTA SEMANAL
assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas

NOME: ____
CPF: ____
ENDEREÇO: ____
BAIRRO: ____
CIDADE: ____ UF: ____ CEP: ____
TELEFONE: ____ E-MAIL: ____
○ DESEJO RECEBER INFORMAÇÕES DO PSTU EM MEU E-MAIL

MENSAL COM RENOVAÇÃO AUTOMÁTICA

☐ MÍNIMO (R$ 12) ☐ SOLIDÁRIA (R$ 15)

FORMA DE PAGAMENTO
☐ DÉBITO AUTOMÁTICO. DIA:
○ BB ○ NOSSA CAIXA ○ BANRISUL ○ BESC
○ BANESPA ○ CEF AG. ____ CONTA ____
OPERAÇÃO (SOMENTE CEF) ____

TRIMESTRAL	SEMESTRAL	ANUAL
☐ (R$ 36)	☐ (R$ 72)	☐ (R$ 144)
☐ SOLIDÁRIA: R$ ____	☐ SOLIDÁRIA: R$ ____	☐ SOLIDÁRIA: R$ ____

FORMA DE PAGAMENTO
☐ CHEQUE *
☐ CARTÃO VISA Nº ____ VAL. ____
☐ DÉBITO AUTOMÁTICO. DIA:
○ BB ○ NOSSA CAIXA ○ BANRISUL ○ BESC
○ BANESPA ○ CEF AG. ____ CONTA ____
OPERAÇÃO (SOMENTE CEF) ____
☐ BOLETO

Envie cheque nominal ao PSTU no valor da assinatura para Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP - CEP 01321-010 - Fax: (11) 3105-6316

PSTU LANÇA NOVA EDIÇÃO DE SEU BOLETIM NACIONAL

O PSTU acaba de publicar mais um número de seu boletim nacional. Com esse, já são 18 edições, distribuídas em todo o País, em escolas, praças públicas e empresas. O boletim traz a defesa de uma frente classista e socialista e o chamado à unidade dos lutadores em torno do Congresso Nacional dos Trabalhadores (Conat), convocado pela Conlutas. Com um novo formato, o boletim pode ser encontrado em nossas sedes e no portal na internet.

BAIXE O BOLETIM EM PDF
pstu.org.br/downloads.asp

PSTU BOLETIM NACIONAL 18
NEM LULA, NEM ALCKMIN!
UNIR A ESQUERDA EM UMA FRENTE CLASSISTA E SOCIALISTA

PSTU.ORG.BR
LEIA ESTA SEMANA NO PORTAL

INTERNACIONAL
Declaração da Liga Internacional dos Trabalhadores sobre os atos contra a ocupação do Iraque

De olho nas eleições, Israel seqüestra dirigente palestino

Prisão política de Oliverio Medina completa seis meses

LUTA CONTRA A OPRESSÃO
O outro 8 de Março: lembrar é resistir

MULTIMÍDIA
Galeria de fotos do 8 de Março em São Paulo

MOVIMENTO
Trabalhadores da Educação de Teresina derrotam manobra petista

CULTURA
Leia crítica do documentário brasileiro 'Soy Cuba: o Mamute Siberiano'

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01321-010
Fax: (11) 3105-6316 e-mail: opiniao@pstu.org.br

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Larissa Morais, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **PROJETO GRÁFICO** Gustavo Sixel **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Blasi **REVISÃO** Larissa Morais **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010 - (11) 3105-6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua A-41, Quadra B5, 258
Bairro Graciliano Ramos - Maceió - AL
(82)9903.1709 (81)9101.5404
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499
macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 321-3632
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA
Rua C, Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias
www.pstu.org.br/conquista

CEARÁ

FORTALEZA fortaleza@pstu.org.br
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - vitoria@pstu.org.br

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 9244-9090
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE bh@pstu.org.br
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM belem@pstu.org.br
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sl. 4

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO rio@pstu.org.br
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro
niteroi@pstu.org.br
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira - (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro
novaiguacu@pstu.org.br
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE portoalegre@pstu.org.br
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ZONA NORTE - Av. Baltazar de Oliveira Garcia, 2669 Sala 205 (Esquina com Manoel Elias)
(51) 3024-3419
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, santamaria@pstu.org.br

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO saopaulo@pstu.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
www.pstubauru.ig.com.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867
campinas@pstu.org.br
GUARULHOS guarulhos@pstu.org.br
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro
(11) 4796-8630
www.pstu.org.br/altotiete
RIBEIRÃO PRETO
Rua Paraíso, 1011, Térreo - Vila Tibério (16) 3637-7242
ribeiraopreto@pstu.org.br
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro
(11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189 (12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho
(15)3211.1767
sorocaba@pstu.org.br
SUZANO suzano@pstu.org.br
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

UNIR OS TRABALHADORES

> **UNIR A ESQUERDA** nas lutas e nas eleições, contra o governo e os patrões

A unidade é importante? Sim, muito importante. Mas depende com quem. Em alguns casos unir é fundamental, em outros é necessário separar.

É hora de unir a esquerda nas lutas. Unir nas greves e ocupações de terras, unir na construção da Conlutas. É hora de unir a esquerda nas eleições de outubro, numa Frente Classista e Socialista.

É preciso separar os trabalhadores da burguesia. Separar os trabalhadores da oposição de direita e também de Lula, que governa para a burguesia.

O governo Lula e a patronal se utilizam da CUT e da Força Sindical para evitar ou derrotar as greves, e aprovar as reformas neoliberais, como a reforma da Previdência. Existe muita insatisfação nas bases, mas esta bronca pode se dispersar, caso não se construa uma alternativa a estas centrais.

O Congresso Nacional dos Trabalhadores (Conat), convocado pela Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas), é uma proposta de unificação para todos os setores que queiram lutar pelos interesses dos trabalhadores, independente de filiação partidária. Estarão presentes dirigentes sindicais e ativistas do PSTU, do P-SOL, do PT e independentes. O elemento comum a todos eles é querer lutar contra a patronal e o governo, e não hesitar em dar um passo histórico: construir uma nova entidade para o movimento de massas no País.

Já começaram a ocorrer as assembléias de eleição de delegados para o Conat, que vão ganhar força neste final de março e início de abril. Agora é hora de construir o Conat pela base!

Alckmin é o candidato da direita tradicional, de uma parte dos banqueiros, industriais e latifundiários. Caso ganhe, seria a volta do governo FHC, com todo o seu desemprego, arrocho salarial e corrupção.

Mas Lula também não governa para os trabalhadores, e sim para os banqueiros. Não foi por acaso que estes, na eleição passada, deram mais dinheiro para o PT (R$ 7,9 milhões) do que para o PSDB (R$ 4,1 milhões), e depois conseguiram lucros recordes em 2005 (R$ 28,6 bilhões).

Por isso, o PSTU está propondo uma Frente Eleitoral Classista e Socialista para as eleições de outubro. Isso significaria unir o P-SOL, PSTU, PCB numa frente, chamando ainda a Consulta Popular e o MST a romperem com o governo e virem se somar.

OPINIÃO / *CYRO GARCIA, do Rio de Janeiro*

O EXÉRCITO E OS "FALCÕES"

Uma das bandeiras tradicionais da direita é a necessidade de aumentar a repressão para acabar com a criminalidade crescente. Os partidos burgueses (assim como o PT nos últimos anos) tradicionalmente defendem em suas campanhas eleitorais a ampliação do número de policiais nas ruas como a grande solução para o problema.

Isso é uma forma de esconder que a criminalidade é uma das manifestações da miséria, produto da exploração capitalista. Quanto mais miséria, mais criminalidade, haja ou não mais policiais nas ruas. Para acabar com a criminalidade, é preciso acabar primeiro com o desemprego e o arrocho salarial.

A exibição do documentário "Falcão – Meninos do Tráfico" pela rede Globo mostrou com dureza como a miséria joga crianças e adolescentes – os "falcões"- nos bandos do narcotráfico.

A direita aplaudiu de pé quando o Exército resolveu ocupar os morros do Rio de Janeiro para recuperar dez fuzis roubados de uma de suas guarnições. A classe média carioca, pressionada todos os dias pelos assaltos, também apoiou. Lula, sempre pensando em termos eleitorais, aplaudiu a ação. Agora está na hora de tirar as conclusões.

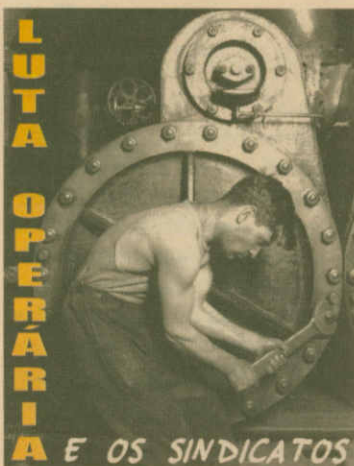
Em primeiro lugar, o cerco aos morros revelou a postura racista e burguesa do comando do Exército, assim como dos governos estadual e federal. Os soldados cercaram os morros, espancaram moradores, e mataram um adolescente negro de 16 anos absolutamente inocente.

Todos sabem que o comando do narcotráfico não está nos morros. Ali se escondem os "soldados rasos", as tropas dos bandos. Os verdadeiros comandantes multimilionários vivem, como diz a população dos morros, no "asfalto", em lugares bem mais chiques e confortáveis, como os bairros brancos e ricos da Zona Sul carioca. Mas seria muito difícil ver o Exército ocupando o Leblon ou a Lagoa, atrás de banqueiros. Apesar de todas as espalhafatosas ações, o Exército não encontrou nada nos morros.

Em segundo lugar, o resultado foi tragicômico. Para encontrar dez fuzis, o Exército gastou na operação o suficiente para comprar mil ou dois mil fuzis iguais. Como, apesar de tudo, não conseguiu encontrar as armas, fez um acordo com o Comando Vermelho (CV) para sua devolução. Pelas informações da imprensa, o acordo inclui a transferência de um dos líderes do CV, que está preso, para uma outra penitenciária, mais branda.

Isso prova que a utilização do Exército não resolve o problema da criminalidade, por não encarar a questão social da miséria. Prova também que, ao se colocar o Exército ocupando as funções de polícia, se incorporam nele a mesma corrupção e as negociatas que apodrecem hoje as polícias militares e civis, como neste acordo com o CV. Como dizia um "falcão" sobre a corrupção policial: "Se o tráfico acabar, eles só vão ter o salário deles...Então não vai acabar tão cedo".

Ação militar em morro carioca

O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO E O ANARCO-SINDICALISMO

Além das correntes reformistas, como vimos em artigos anteriores, surgiram também no interior do movimento sindical o chamado sindicalismo revolucionário e o anarco-sindicalismo

PAULO AGUENA, da Direção Nacional do **PSTU**

Como dissemos em artigo anterior, além das correntes reformistas surgiram no interior do movimento sindical o chamado sindicalismo revolucionário e o anarco-sindicalismo. De uma ou outra forma são resultado da penetração das idéias anarquistas no seio do movimento operário. Para entendê-las, é necessário conhecer algo do pensamento anarquista.

Do ponto de vista político, os anarquistas se declaram inimigos de todo poder governamental e estatal. Sobre o Estado, Piotr A. Kropotkin (1824-1921) afirma em sua obra "O Estado e seu Papel Histórico": *"Nós vemos nele uma instituição que no transcurso de toda história de toda sociedade humana serviu para impedir a união das pessoas entre si, serviu para obstaculizar o desenvolvimento, a iniciativa local, para afogar as liberdades já existentes e estorvar o surgimento de novas liberdades. E nós sabemos que a instituição que já existiu há vários séculos e que se consolidou firmemente adotando uma forma determinada com o objetivo de cumprir determinado papel na história, não pode ser adaptada para um papel contrário".*

Assim, por um lado, o anarquismo corretamente vê que não há nenhuma possibilidade de aproveitar o aparato opressor do Estado capitalista para a emancipação dos trabalhadores e defende sua destruição; por outro, erroneamente acaba por negar toda forma de Estado. Não consegue compreender que nem toda violência organizada, nem todo Estado, constituem um dano em si mesmo.

Por isso, defende a destruição do Estado capitalista e a passagem direta ao comunismo, como se fosse possível a imediata supressão das classes sociais. Não reconhece a necessidade do socialismo – fase transitória do capitalismo ao comunismo – em que a classe operária, por meio da ditadura do proletariado, deverá ainda lutar pela extinção definitiva das classes exploradoras e, por decorrência, de toda classe social.

Ao não compreender a utilidade do Estado nas mãos do proletariado, ao se contrapor a qualquer forma de estado, os anarquistas chegaram a pegar em armas contra o governo dos sovietes durante a guerra civil na Rússia e, inclusive, organizaram um atentado contra Lênin.

Do ponto de vista econômico, de uma forma geral os anarquistas defendem a pequena propriedade. É uma concepção pequeno-burguesa da economia mercantil e constitui de fato um passo atrás em relação ao capitalismo industrial.

Enquanto o marxismo revolucionário defende a propriedade coletiva dos meios de produção e de troca (nacionalização de fábricas, terras, transportes, etc), por intermédio de um Estado operário que organize toda a economia, os anarquistas defendem a passagem direta dos meios de produção para as mãos dos trabalhadores organizados em grupos (autogestão, associações, coletividades, comunas, etc). Estes, por sua vez, deverão estabelecer relações de troca entre si. Cada empresa, no lugar de um proprietário, possuirá cem ou milhares de proprietários, mas não pertencerá à classe trabalhadora como um todo. Dessa forma, sem o Estado a economia funcionará sem direção, tal como uma economia de mercado. O anarquismo resultará num capitalismo sem capitalistas.

Do ponto de vista da tática, ou seja, dos meios necessários para atingir os fins desejados, os anarquistas se dividem entre os pacíficos, os partidários de uma sublevação social e os que defendem uma revolução social a partir do terror individual. O traço comum de todos eles, no entanto, é o repúdio a qualquer forma de luta política – seja sob a forma da luta parlamentar ou da luta direta pelo poder. Não entendem que a luta organizada contra o capital e sua destruição por meio das forças do proletariado como classe é precisamente uma luta política levada a termo pelo partido revolucionário da classe operária.

SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO

Na França, na Itália e também nos EUA surgiu uma corrente sindical que se autointitulava "revolucionária". Ela cresceu sob o protesto natural das massas operárias contra a política conciliadora dos partidos socialistas, contra o parlamentarismo reformista e as traições sistemáticas ao proletariado. Os principais teóricos desta corrente foram o sociólogo francês Georges Sorel (1847-1922) e o economista e sindicalista italiano Arturo Labriola. Ambos foram dirigentes dos partidos socialistas de seus países.

Cartaz anarquista pelo voto nulo

Sorel tentou conciliar o anarquismo federalista de Proudhon com o marxismo. Dizia que a ação direta e violenta e a greve geral elevariam o conflito entre as classes sociais e acarretariam uma possível vitória da classe operária, devido à justiça de sua causa, à sua maioria numérica e à sua superioridade física. Superestimando a ação espontânea das massas, se esquecia do papel repressivo do Estado que, a serviço dos capitalistas, não hesitava em recorrer à ação violenta das forças repressivas. Assim, negava a necessidade da luta política, da insurreição armada e desprezava a luta parlamentar. Da mesma forma, embora chegasse a reconhecer a importância de uma "minoria ativa", negava a importância da organização da classe operária em partido.

Já o dirigente bolchevique Evgueni Preobrazhenski (1886-1938?), na sua obra "Anarquismo e Comunismo" (1921), esclarece que o fato dos antigos socialistas converterem a participação na luta parlamentar num meio de conciliação com a burguesia a fim de enganar o proletariado, não seria motivo para concluir que seja impossível aproveitar o parlamentarismo de uma maneira revolucionária. Muito menos negar a importância do partido revolucionário da classe operária. Ele afirma: *"Durante o período no qual ainda se está longe das lutas de rua, durante o período relativamente pacífico, o aproveitamento da luta parlamentar por parte dos verdadeiros revolucionários aporta indiscutível utilidade à educação classista do proletariado"*. Mais à frente, conclui: *"É certo que o significado da luta parlamentar para o comunista diminui à medida que se aproxima a sublevação armada do proletariado e, em geral, esse meio desempenha um papel bastante modesto em todo o sistema de luta do proletariado. Por esta razão é tanto mais importante a organização de um partido político que dirija todas as manifestações da luta de classes do proletariado, que o leve à conquista do poder e a ditadura do proletariado."*

Sobre o meio de luta, afirma: *"A experiência de muitas revoluções tem demonstrado que a greve geral não é suficiente para derrubar o regime existente (...) A greve geral pode dar um forte golpe no bando governante, obrigá-lo a fazer uma ou outra concessão, mas não está em condições de derrubar todo o regime de uma determinada classe (...) Para a vitória contra a burguesia é necessária, pelo contrário, a existência de um partido poderoso que compreenda claramente seus fins, que prepare suas fileiras e as massas para o choque decisivo contra o capital (...)"* .

Mikhail Bakunin

SINDICALISMO ANARQUISTA

O anarco-sindicalismo é uma variante do anarquismo. Na Espanha, onde teve muito peso, surgiu oficialmente com a fundação da Confederação Nacional dos Trabalhadores (CNT) em 1910, resultando da influência do sindicalismo revolucionário francês sobre o anarquismo. Como os sindicalistas "revolucionários", negavam a importância da luta política, a luta parlamentar e defendiam a exclusividade dos sindicatos na luta pela emancipação da sociedade.

O sindicalismo anarquista enfatizava também o papel do sindicato não só como órgão de luta, mas também como núcleo básico da sociedade anarquista. O conhecido anarquista russo Mikhail Bakunin reivindicou os sindicatos como a "organização natural das massas" e o "único instrumento de guerra verdadeiramente eficaz" na construção da sociedade anarquista baseada na autogestão e na negação de qualquer forma de administração estatal.

Como variante do anarquismo, tem as mesmas fragilidades deste, embora seja sua edição mais proletária.

ALCKMIN, UM 'CHUCHUZINHO' PARA BANQUEIROS E EMPRESÁRIOS

JEFERSON CHOMA e YARA FERNANDES, da redação

A novela sobre a escolha do presidenciável tucano que enfrentará Lula nas eleições em outubro finalmente terminou na tarde do dia 14. A cúpula do PSDB oficializou a candidatura a presidente do atual governador de São Paulo, Geraldo Alckmin.

Na noite anterior, Serra esteve reunido com o "triunvirato" tucano – Tasso Jereissati, Fernando Henrique Cardoso e Aécio Neves – para tentar chegar a um acordo. Tasso teria consultado ainda os governadores tucanos. A palavra final saiu de uma conversa entre Serra e Alckmin, após a qual Serra telefonou para Tasso e comunicou a decisão.

RISCOS

Embora Serra estivesse bem colocado nas pesquisas, próximo a Lula e com intenções de votos maiores do que Alckmin, pesaram para a definição do candidato tucano as recentes mudanças na conjuntura eleitoral, em especial a recuperação de Lula. Esse elemento contribuiu muito para as vacilações do prefeito de São Paulo em assumir a pré-candidatura à presidência da República.

Ao lançar Serra, o PSDB estaria abrindo mão da prefeitura paulistana e, ao mesmo tempo, abrindo caminho para que adversários conquistassem o governo do principal estado do País, sem a garantia de que isso resultaria na derrota de Lula e na vitória dos tucanos. Com Serra fora da disputa nacional, é muito provável que seu nome seja indicado para concorrer ao governo de São Paulo.

O Estado de São Paulo é responsável por 32,6% do Produto Interno Bruto (PIB), por 32% das exportações e 45% das importações. Perder de uma tacada a prefeitura e o controle do estado significaria, portanto, uma profunda crise do PSDB. Alckmin, por sua vez, não tinha nada a perder, e conquistou apoio nacional dos tucanos utilizando o aparato do governo de São Paulo.

Por isso ele avaliava que, no caso de prévias partidárias, poderia ganhar a disputa contra Serra.

Outro elemento que pesou foi o risco de o PSDB sair profundamente dividido caso fosse Serra o candidato. De acordo com a avaliação do tucano, uma vitória pontual poderia ser transformada em derrota num horizonte bem próximo, pois Serra poderia ver Alckmin cruzar os braços em São Paulo, maior colégio eleitoral do País, com 22,36% do eleitorado.

Serra avaliava também que não teria o apoio dos tucanos de Minas Gerais, outro colégio eleitoral muito importante. Contudo, apesar de "tirar o time de campo", o PSDB sai profundamente em crise. Prova disso foi que José Serra sequer foi ao lançamento oficial da candidatura do insosso adversário.

De qualquer forma, entre os dois tucanos não havia diferenças de conteúdo e de política. O PSDB optou pela tática mais segura: tentar garantir o que já está na mão.

TRADIÇÃO, FAMÍLIA E RELIGIÃO

Visto pela maioria da população como um político sem carisma, Alckmin destaca-se nas elites por possuir um amplo apoio no meio empresarial.

Além de ser amigo dos banqueiros e dos empresários, Alckmin também tem um histórico político contrário às lutas dos trabalhadores. Depois de ser indicado, o tucano declarou à imprensa que sua plataforma política está baseada na tradição, família e religião. Qualquer semelhança com a ultra-reacionária TFP (Tradição, Família e Propriedade, organização católica que apoiou a ditadura e perseguiu militantes de esquerda) não é mera coincidência. Alckmin é um político reacionário, ligado ao ultra-conservadorismo da Opus Dei (facção mais conservadora do catolicismo).

Entusiasta do neoliberalismo, Alckmin esteve à frente do Programa de Desestatização de São Paulo, sendo responsável pelas privatizações do Banespa (comprado pelo espanhol Santander), Eletropaulo (geradora da energia), Comgás, Companhia Paulista de Força e Luz, Fepasa (ferrovias) e Ceagesp (abastecimento). Além disso, entregou toda a malha rodoviária para empresas que multiplicam pedágios e assaltam os usuários nas tarifas.

Por isso, não é de se espantar que, antes mesmo de ser candidato oficial, Geraldo afirmasse com veemência, em entrevista à *IstoÉ*: *"se for eleito, no primeiro dia todas as reformas estarão prontas no Congresso: Tributária, Trabalhista, Política, Previdenciária"*. Como se pode ver, o tucano possui as mesmas intenções de Lula.

Na agenda de projetos neoliberais também não podem faltar as privatizações. E Alckmin já elegeu suas prioridades: *"bancos estaduais. A maioria já foi privatizada, mas deveriam ser todos. Tem muita coisa que se pode avançar. Susep, sistema de seguros, tem muita coisa que se pode privatizar"*.

TODOS IGUAIS

Alckmin manterá o projeto neoliberal aplicado por Lula. Seu governo será um "chuchuzinho" para banqueiros e empresários, mas para os trabalhadores será bem difícil de engolir.

Uma reeleição de Lula, por sua vez, também não é alternativa. O governo petista é igual às administrações do PSDB, tanto no campo da corrupção quanto no terreno econômico. Ambos são queridinhos do FMI, possuem o mesmo plano neoliberal, e defendem a continuidade das reformas e o arrocho salarial. Nenhum dos dois, PT ou PSDB, representa uma mudança no quadro de corrupção que afundou o governo e o Congresso no ano passado, já que os dois partidos estão envolvidos até o pescoço no lamaçal.

Por isso, o **PSTU** está chamando uma alternativa para essas próximas eleições, uma Frente de Esquerda, Classista e Socialista, que unifique nas eleições e nas lutas ativistas do **PSTU**, **P-SOL**, **PCB**, Consulta Popular e MST.

DEPOIMENTO COMPLICA PALOCCI

YARA FERNANDES, da redação

No dia 16 de março, a CPI dos Bingos ouviu, enquanto pôde, o caseiro Francenildo dos Santos Costa, o Nildo. Nos 40 minutos de depoimento aberto ele reafirmou as declarações dadas em entrevistas, comprometendo até o pescoço o ministro da Fazenda e ex-prefeito de Ribeirão Preto (SP), Antonio Palocci. O objetivo do depoimento era saber se a casa era usada pela "República de Ribeirão Preto", grupo de assessores que fariam lobbies junto ao governo para favorecer grupos empresariais. Aparentemente, o local era usado para todo tipo de maracutaia, desde pagamento de mensalões até animadas festas com garotas de programa.

O caseiro disse ter visto Palocci "umas dez ou vinte vezes" na casa alugada pelos seus ex-assessores, Rogério Buratti e Vladimir Poleto.

O caseiro é a segunda testemunha a dizer que viu o ministro da Fazenda na casa. A primeira foi o motorista Francisco das Chagas Costa.

INTERVENÇÃO

A liminar do Supremo Tribunal Federal, solicitada pelo PT, fez o depoimento ser interrompido. Depois da interrupção, senadores da oposição de direita foram à tribuna e reivindicaram a demissão de Palocci do ministério.

O caso mostra que a oposição burguesa resolveu voltar ao tom de denúncias pesadas diante da possibilidade de Lula ganhar as eleições no primeiro turno.

O governo garante que, apesar de todas as acusações, Palocci fica no cargo e diz que as denúncias são falsas e que o caseiro recebeu dinheiro para fazê-las. Nessa semana, a revista Época mostrou que o caseiro recebeu quase R$ 40 mil na sua conta bancária nos últimos meses, supostamente de seu pai.

É possível que o caseiro tenha recebido mesmo dinheiro para revelar tudo, contudo isso não desqualifica suas denúncias, que devem ser apuradas a fundo. De qualquer forma, nem governo, nem PSDB-PFL irão adotar medidas que prejudiquem o plano econômico neoliberal. Esse continua sendo sua principal preocupação.

CONAT: É HORA DE ELEGER OS DELEGADOS NA BASE!

A Conlutas é hoje a maior expressão do atual momento de reorganização do movimento de massas. Nesse momento, assembléias em todo o País estão elegendo delegados que vão se reunir nos dias 5, 6 e 7 de maio, no Conat, para lançar as bases de uma nova entidade nacional de luta. Apresentamos a seguir algumas propostas da Federação Sindical Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais (FSDM-MG) sobre a concepção e programa dessa nova entidade, as quais serão discutidas no Congresso Nacional dos Trabalhadores.

***DIEGO CRUZ**, da redação*

UNIR E ORGANIZAR OS SINDICATOS E MOVIMENTOS SOCIAIS E POPULARES

ORGANIZAR A LUTA DOS SINDICATOS

As entidades sindicais são de extrema importância para a organização e luta dos trabalhadores brasileiros. Mesmo durante a década de 90, com o brutal avanço do neoliberalismo e o aumento da repressão e coerção contra os trabalhadores sindicalizados, os sindicatos estiveram à frente das lutas contra os ataques neoliberais.

Os sindicatos ainda cumprem um papel decisivo na luta de classes. Prova disso é a própria formação da Conlutas, impulsionada por entidades sindicais que romperam com a CUT. Com a falência desta central e sua incorporação ao aparelho do Estado, é necessário avançar na construção de uma nova alternativa de direção que seja um pólo independente de aglutinação e luta para os sindicatos e oposições sindicais.

ORGANIZAR TAMBÉM OS QUE ESTÃO FORA DOS SINDICATOS

No entanto, não podemos nos esquecer dos milhões de trabalhadores desempregados, precarizados ou na informalidade, que representam hoje mais da metade da classe trabalhadora. É necessário organizar esses setores, unificando suas lutas com as lutas dos sindicatos. Para isso, a nova entidade deve também ser um abrigo para as organizações de desempregados e demais movimentos que reúnem os trabalhadores expulsos da formalidade.

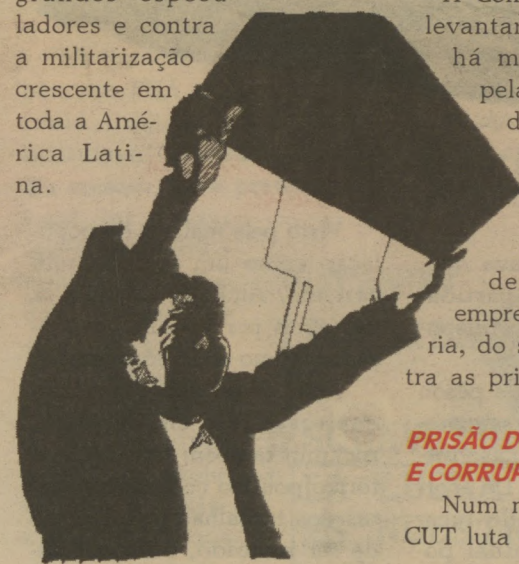
MUITO MAIS QUE UMA CENTRAL SINDICAL

Para lutar contra os ataques que o conjunto da classe trabalhadora enfrenta, não bastam apenas as lutas sindicais. É necessário uní-las às lutas dos inúmeros movimentos e organizações sociais em nosso País que lutam por reforma agrária, moradia, saúde e educação. Portanto, a nova entidade deve se constituir num espaço para abranger também essas lutas e organizações.

UM PROGRAMA INDEPENDENTE E SOCIALISTA

Temos também que definir qual o programa e as principais bandeiras que a nova entidade deve erguer. Devemos resgatar o programa construído pela esquerda brasileira nos últimos 25 anos e abandonado pelas direções que passaram para o outro lado das trincheiras.

CONTRA O IMPERIALISMO

É fundamental que a Conlutas impulsione a luta contra a recolonização imperialista no Brasil. Isso hoje significa lutar contra a Alca, o pagamento da dívida pública aos grandes especuladores e contra a militarização crescente em toda a América Latina.

ESTATIZAÇÃO DO SISTEMA FINANCEIRO

Os lucros exorbitantes obtidos pelos bancos a custo da estagnação da economia no País mostram a serviço de quem está esse governo. É necessário estatizar o sistema financeiro, reorganizar a economia e impor o controle aos bancos para garantir o financiamento de atividades que beneficiem a grande maioria da população, como educação, moradia e transporte.

EM DEFESA DOS DIREITOS DOS TRABALHADORES

A Conlutas deve também levantar as reivindicações há muito abandonadas pela CUT. Por isso os direitos fundamentais devem ser a base do programa da Conlutas. Faz parte dessa luta a defesa dos salários, emprego, da reforma agrária, do setor público e contra as privatizações.

PRISÃO DOS CORRUPTOS E CORRUPTORES

Num momento em que a CUT luta para defender o governo corrupto de Lula, a Conlutas deve erguer bem alta a reivindicação da prisão dos corruptos e também dos corruptores, com o confisco de seus bens.

CONTRA TODA FORMA DE OPRESSÃO

Além da exploração, é necessário que a Conlutas desenvolva sistematicamente uma luta contra toda forma de opressão própria do sistema capitalista, como machismo, homofobia e racismo.

PELO FIM DA EXPLORAÇÃO E DEFESA DO SOCIALISMO

A Conlutas deve lutar pelo fim de toda exploração e pela construção de uma sociedade socialista governada para e pelos próprios trabalhadores.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

A nova entidade deve defender a solidariedade internacional e a unidade da luta dos povos de todo o mundo contra toda forma de exploração e opressão. A tarefa de libertação da classe trabalhadora não se limita a um país. Pelo contrário, tem âmbito mundial.

CONLUTAS INDEPENDENTE E DEMOCRÁTICA

Não servirá para nada uma entidade com um programa de luta e independente da burguesia se em seu interior predominarem as mesmas relações burocráticas nas quais afundou a CUT. Portanto, a luta contra a burocratização e pela democracia deve ser permanente e se refletir na própria estrutura e organização dessa nova entidade.

INDEPENDÊNCIA POLÍTICA DA BURGUESIA E DO ESTADO

A atuação da nova alternativa deve basear-se no princípio de que a "libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores". Para isso deve pautar-se pela mais completa independência política, financeira e administrativa frente à burguesia, aos governos e ao Estado.

AUTONOMIA FRENTE AOS PARTIDOS

A nova alternativa deve ser uma organização de natureza sindical e popular, sem caráter partidário. Será completamente autônoma frente aos partidos políticos, o que significa que suas decisões serão tomadas soberanamente em suas instâncias. No entanto, ela não deve ser uma entidade apolítica na medida em que toda luta de classes é uma luta política. Vai posicionar-se sobre os acontecimentos políticos na sociedade e vai receber em seu interior todos trabalhadores e jovens filiados ou não em partidos políticos.

DISCUSSÃO SISTEMÁTICA, DEMOCRÁTICA E PELA BASE

Ao contrário do que ocorria na CUT, a nova entidade deve se construir na mais ampla democracia. Suas entidades devem ter sua independência integralmente resguardada.

Ao mesmo tempo os rumos da Conlutas devem ser amplamente discutidos na base das entidades que a compõem.

Desta forma, tudo o que a nova entidade decidir deve ser fruto do debate e convencimento político. Certamente, cada passo dessa entidade será mais difícil e demorado do que seria se sua "direção nacional" decidisse tudo sozinha. No entanto, sua organização será mais consistente se refletir de fato o que pensa o conjunto de seus trabalhadores.

DEMOCRACIA NA DIREÇÃO

Como reflexo dessa nova forma de organização, a direção da Conlutas deve ser constituída nos moldes em que sua atual direção atua. Ou seja, as próprias entidades indicarão seu representante para as reuniões de direção (coordenação). Neste caso não haveria mandato fixo de dirigentes e sim representação dos setores. Caberia a essa coordenação conduzir as discussões e a ação, à luz do programa e da realidade. As reuniões refletirão com clareza as entidades e setores que de fato estão mobilizados.

ENCONTROS REGIONAIS

MINAS PREPARA CONAT EM PLENÁRIA

DA REDAÇÃO

No dia 8 de março, foi realizada a Plenária Estadual da Conlutas de Minas Gerais. Participaram do evento mais de 20 entidades sindicais, camponesas, estudantis e oposições sindicais. Na pauta das discussões estavam, além do debate sobre a situação política nacional, a campanha pela construção do Conat. Foi aprovada a realização das campanhas contra o pagamento das dívidas interna e externa, e pela anulação da reforma da Previdência, recolhendo assinaturas para o abaixo-assinado e divulgando os efeitos desta reforma para os trabalhadores, além da campanha pela valorização do salário mínimo.

A plenária reafirmou que a meta da Conlutas-MG de levar 800 delegados mineiros para o Conat, ou seja, a maior delegação do Congresso. Isso significa que as entidades presentes na plenária têm uma grande responsabilidade de garantir a presença de todos esses delegados. Nesse sentido, ficou decidido que cada região irá se organizar da melhor maneira possível para cumprir esse objetivo. Algumas regiões já estão tomando medidas concretas para levar os representantes.

Na região metropolitana de Belo Horizonte, por exemplo, onde a previsão é de 426 delegados, os ativistas da Conlutas estão buscando angariar recursos junto a entidades e aos trabalhadores para custear a ida dos delegados ao Conat.

Na região do Triângulo Mineiro, os companheiros estão tentando superar todas as dificuldades para garantir sua participação. Até mesmo um leilão de uma leitoa será realizado para juntar recursos. Além disso, os ativistas pretendem fazer uma cartilha da luta pela terra para vender aos sindicatos e arrecadar fundos.

A plenária resolveu também fazer uma ampla campanha de divulgação do Conat. Será impresso um jornal da Conlutas, com 100 mil exemplares, para divulgar o Conat e explicar à população na importância da construção de uma nova ferramenta de lutas.

CROMAFOTO

Plenária do Encontro Nacional da Conlutas

ABC TEM NOVO ENCONTRO

***EMANNUEL OLIVEIRA**, de São Bernardo do Campo (SP)*

No dia 19 de março foi realizado em Santo André (SP) o 2º Encontro da Conlutas do ABC paulista. Participaram do evento 87 pessoas, representando dois sindicatos (servidores de Santo André e Simpro), a Associação Oeste de moradores de Diadema e o MTL. Também estiveram presentes as oposições de metalúrgicos, dos professores de Mauá, dos petroleiros e da Apeoesp de São Bernardo do Campo, Diadema e Santo André. Fizeram parte as correntes do P-SOL, *Corrente Operária*, *Praxis*, *Espaço Socialista* e os partidos políticos **PSTU** e POM.

A pauta do encontro foi: conjuntura nacional; caráter e concepção da Conlutas; calendários de assembléias para eleger os delegados ao Conat.

No ponto de conjuntura foram aprovadas as campanhas da Conlutas. O segundo ponto foi marcado por várias diferenças sobre o caráter e a forma de organização da Conlutas. A Associação Oeste defendeu que a Conlutas tenha caráter soviético, enquanto o Sindicato dos Servidores de Santo André, parte da oposição metalúrgica e *Oposição Alternativa* / Apeoesp defenderam a Conlutas como uma organização que unifique as lutas contra o governo, abarcando o movimento sindical, os movimentos sociais e as entidades estudantis.

Sobre o Conat, Sílvia, da *Oposição Alternativa* e do **PSTU**, defendeu que o financiamento das taxas dos delegados deve vir de campanhas realizadas pelos próprios trabalhadores.

SERVIDORES FEDERAIS DO RIO GRANDE DO NORTE ROMPEM COM A CUT E ADEREM À CONLUTAS

PAULO BARELA**, da direção nacional do **PSTU

Realizado nos dias 17, 18 e 19 de março em Natal, o Congresso do Sindicato dos Trabalhadores Federais do Rio Grande do Norte (SINTSEF/RN) foi um importante passo na reorganização do movimento sindical no Estado. Em torno de 100 delegados discutiram alternativas de luta e saídas para a reunificação dos trabalhadores após a falência da CUT.

Em dos momentos mais importantes do evento, os congressistas aprovaram uma resolução determinando a desfiliação do sindicato da CUT e, ao mesmo tempo, a adesão à Conlutas. A decisão foi tomada após um debate com Valério Arcary, professor do CEFET/SP e membro do **PSTU**. A direção da CUT foi convidada com antecedência de duas semanas da data do congresso e confirmou a presença de seu vice-presidente no Estado. No entanto, ninguém compareceu.

O debate foi bastante acalorado e polarizado entre as posições a favor e contra a desfiliação. A companheira Gizélia da Rocha Fonseca, a "Gigi", diretora do SINTSEF/RN e militante do **PSTU**, falou ao plenário que *"é responsabilidade dos trabalhadores exigir o rompimento de suas organizações com a CUT, porque a central está hoje a serviço dos pelegos e cumpre o papel de braço sindical do governo Lula no movimento"*.

Na votação, foram computados mais de 80 votos a favor da proposta, 11 contra e 3 abstenções. *"Agora é arregaçar as mangas e partir para a eleição dos delegados ao Conat"*, completou Carmem Suely, também da direção do sindicato. Ainda sobre a CUT, foi aprovada por maioria uma resolução para que a CONDSEF (Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal) rompa com a CUT e delibere pela participação no Conat.

GREVE DA EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL GANHA FORÇA

LUCIANA CANDIDO, de Porto Alegre (RS)

No dia 2 de março, milhares de trabalhadores em educação do Rio Grande do Sul lotaram o Gigantinho, um dos maiores ginásios de Porto Alegre, para aprovar a greve por tempo indeterminado.

A categoria está reivindicando reajuste de 28%, mais um aumento de 8,69%. Além da questão salarial, professores e funcionários exigem o pagamento em dia do 13º salário, a atualização das promoções de professores e funcionários e a inclusão de todos os funcionários no plano de carreira.

FILIPE CALDEIRA

O governador Germano Rigotto (PMDB), pré-candidato à presidência da República, permanece inflexível. O movimento grevista, em contrapartida, se fortalece a cada dia.

No dia 9 de março, foi realizada uma passeata com cerca de 6 mil participantes, vindos da capital e do interior. Os trabalhadores receberam o apoio de diversas entidades, que participaram com faixas e falas de solidariedade no ato de encerramento, em frente à sede do governo do Estado. A Conlutas participa ativamente da greve por meio da corrente *Democracia e Luta – Oposição ao CPERS*.

Orlando Marcelino, do Comando de Greve e membro da Democracia e Luta – Oposição, falou da importância da greve como ferramenta legítima dos trabalhadores. *"Não existe governo, seja Rigotto, seja Lula, que vai atender os trabalhadores sem mobilização"*, disse. Para ele, a greve é uma resposta do movimento aos ataques do governo do Estado, que prioriza o pagamento da dívida com o governo federal.

No último dia 16, a categoria realizou uma ocupação no gabinete da presidência da Assembléia Legislativa, em Porto Alegre. A ação se deu após várias tentativas de estabelecer diálogo com o governo Rigotto, que se recusava a atender os grevistas. Já ocorreram dez demissões de contratados desde que a paralisação iniciou.

O resultado da ocupação foi a conquista de uma audiência do comando de greve com o secretário de Educação, José Fortunati. Na reunião, o secretário reafirmou a posição do governo de só falar em reajuste em maio. Os educadores não aceitaram e deram um prazo para que seja apresentada proposta. Também foi exigida a reincorporação dos demitidos. O secretário não deu resposta concreta, afirmando que essa seria enviada por escrito ao CPERS. Diante da mais completa falta de comprometimento do governo em abrir o diálogo, Marcelino avalia que Rigotto *"será o único responsável pela radicalização do movimento, que vai acontecer"*.

Professores e funcionários também param no Rio de Janeiro

DA REDAÇÃO

No último dia 6, uma assembléia com cerca de dois mil trabalhadores da educação do Estado do Rio de Janeiro aprovou a realização de uma greve por tempo indeterminado. A categoria exige reajuste salarial de 34,62% e o fim da atual política de gratificação que na prática acaba com a isonomia dos trabalhadores.

Os trabalhadores denunciam o desmonte do ensino público realizado pelos governos Garotinho e Rosinha Matheus, ambos do PMDB. Nos últimos dez anos os servidores não tiveram absolutamente nenhum reajuste. De acordo com os grevistas, se o governo fosse obrigado a realizar um aumento salarial, calculando as perdas registradas, o salário dos servidores deveria ser elevado em 76%.

Até agora o governo se mantém intransigente e não abriu nenhuma negociação. Segundo avaliação dos dirigentes da greve, cerca de 50% da categoria se encontra parada e a luta agora é para unificar o conjunto do funcionalismo do Estado. *"O governo quer dividir os servidores, mas nós temos que batalhar pela unidade em torno do reajuste de 34,62%"*, disse Alex Sandro dos Santos, professor do Estado.

No momento em que fechávamos essa edição, além dos trabalhadores em educação, policiais civis e os professores da Escola Técnica estavam em greve. Professores e funcionários da UERJ também estão se mobilizando e podem deflagrar greve.

JUVENTUDE

ASSEMBLÉIA UNIFICADA APROVA GREVE NA PUC-SP

No dia 14 de março, a assembléia geral de estudantes, funcionários e professores da PUC-SP aprovou uma greve por tempo indeterminado. A grande maioria dos presentes votou pela greve como única maneira de conquistar a readmissão de todos os professores e funcionários demitidos, a abertura do edital de bolsas pela reitoria e impedir o empréstimo do BNDES e a intervenção da Fundação São Paulo, dos bancos e da Igreja e, principalmente, lutar pela estatização da universidade.

A presença na assembléia foi massivamente de estudantes, com poucos professores e funcionários. No entanto, a Apropuc (Associação de Professores da PUC) declarou que vai construir a greve dos três setores. Isso prova que fomentar e garantir a unidade entre os três setores, algo sempre defendido e implementado pela maioria dos centros acadêmicos, foi fundamental.

A UNE, na contramão das reivindicações da comunidade universitária, posicionou-se pela aceitação do empréstimo do BNDES à PUC e contra a greve dos três setores. A grande maioria dos estudantes, contudo, rechaçou a entidade e suas propostas, comprovando de uma vez por todas a falta de espaço desta entidade governista no movimento estudantil combativo.

Após a assembléia, um grande ato reafirmou a decisão para toda a comunidade. A manifestação percorreu a PUC-SP, passou pelas ruas e teve seu desfecho no Pátio da Cruz, local central de unidade das lutas estudantis.

Agora, é lutar por uma grande adesão, em especial de professores e funcionários. Os estudantes, até o momento, aderiram numerosamente. Para ampliar a adesão, serão realizadas discussões, piquetes e diversas outras atividades, além de materiais informativos. É fundamental o apoio e presença de muitas entidades de luta neste momento.

A Conlutas e muitas de suas entidades e movimentos, como a Oposição da Apeoesp, já declararam seu apoio à greve. Assim como a Conlute, que imprimiu milhares de adesivos em defesa da luta na PUC-SP. Além disso, a Conlute tem estado presente, apoiando e conferindo dimensão nacional à mobilização.

Construir e impulsionar a greve para que ela seja vitoriosa significará fazer a maior, mais concreta e viva demonstração de luta contra a mercantilização do ensino superior no Brasil e em defesa do ensino público, gratuito e de qualidade.

- ✓ NENHUMA DEMISSÃO DE PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS!
- ✓ FIM IMEDIATO DA INTERVENÇÃO DOS BANCOS E DA IGREJA
- ✓ QUALIDADE, BOLSAS E DEMOCRACIA!
- ✓ PELA ESTATIZAÇÃO DA PUC-SP!
- ✓ ABAIXO A REFORMA UNIVERSITÁRIA DE LULA/UNE/FMI!

“Nosso sindicato foi o primeiro da Região Norte a aderir à Conlutas”

Nos dias 30 e 31 de março, serão realizadas as eleições para escolha da nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Belém do Pará. O Opinião Socialista entrevistou Atenágoras Lopes (atual presidente do sindicato) e Cleber Rabelo. Ambos são membros da atual diretoria da entidade e integrantes da Chapa 1 – Pra continuar Conlutas

POR JEFERSON CHOMA,
da redação

Opinião Socialista – Quais são as expectativas com a relação às eleições do sindicato?

Atenágoras Lopes – Será uma eleição muito importante. Nós preparamos uma chapa, *Chapa 1 – Pra continuar Conlutas*, com um amplo debate na categoria para disputar as eleições, nos dias 30 e 31 de março. Construímos uma bagagem de lutas e mobilizações durante todo o período em que estivemos à frente da diretoria. Foi assim, por exemplo, quando fizemos uma greve de 15 dias em 2004, a maior da categoria nos últimos anos.

A oposição à atual diretoria do sindicato é ligada ao PCdoB e já esteve por 20 anos à frente da direção da categoria. Nesse período o que predominou foi a traição, a venda de direitos e a falta de democracia que impedia a participação dos trabalhadores na vida do sindicato.

Hoje existe uma alternativa de lutas contra a pelegada já consolidada.

Por isso é importante que todas as entidades na Conlutas forneçam apoio político e material para que o principal sindicato da Região Norte siga sendo combativo e de lutas. Siga Conlutas.

OS – No mês passado foi realizado o Congresso do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Belém do Pará. Quais foram os resultados?

Cleber Rabelo – Foi um congresso vitorioso, realizado entre os dias 17 e 19 de fevereiro com a participação de 110 delegados credenciados. Quer dizer, foram representados cerca de 72 canteiros de obras. A direção atual do sindicato apresentou uma tese, cujos eixos eram a defesa da Conlutas, a construção do Conat e o chamado à realização de uma Frente Classista nas eleições de outubro. O congresso foi antecipado para que a categoria pudesse discutir também a nossa campanha salarial, tendo em vista que os trabalhadores encaram o salário mínimo proposto pelo governo como um salário de miséria.

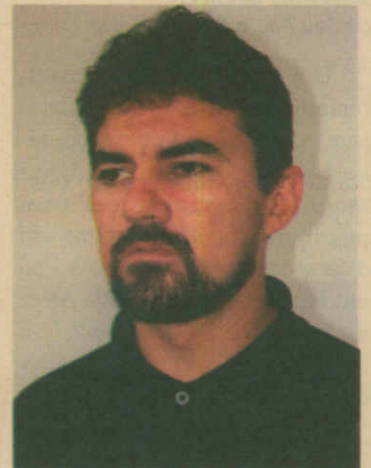
OS – Como foi o debate sobre o Conat?

Cleber – Nosso sindicato foi o primeiro da Região Norte a se desfiliar da CUT e aderir à Conlutas. Hoje existe uma coordenação estadual da Conlutas que se reúne toda quarta-feira e agrega várias entidades que já romperam com a central governista. Nosso próximo passo é preparar as entidades para eleger o maior número possível de delegados. Nosso congresso, inclusive, aprovou a ida de 35 delegados ao Conat. Mesmo assim, muitos trabalhadores querem ir, mas infelizmente faltam vagas. Tudo isso mostra que a categoria está muito animada para participar desse grande evento.

OS – Como está na categoria o debate sobre as eleições de outubro?

Atenágoras – Olha, foi uma das questões mais polêmicas do congresso. Fizemos debates com os delegados sobre a necessidade de construir uma alternativa dos trabalhadores para as eleições, se contrapondo à falsa polarização entre PT e PSDB-PFL.

A nossa tese defende a necessidade de construir essa Frente de Esquerda e Socialista nas eleições, apresentando uma alternativa contra esses dois setores que representam os interesses dos patrões. Os defensores da Chapa 2, entretanto, defenderam que o sindicato deveria apoiar a reeleição de Lula. Mas os governistas foram rechaçados no congresso e 73% dos delegados aprovaram a necessidade de se construir a Frente fazendo um chamado aos setores da esquerda brasileira, como os companheiros do P-SOL, PCB, Consulta Popular, MST, pra unir nas lutas e também numa grande frente eleitoral. Lembrando que essa frente é classista, quer dizer, não pode ter partido dos patrões, como o PDT.

Esperamos que as demais categorias em luta no País apontem para essa mesma política.

> **“É importante que todas as entidades na Conlutas forneçam apoio político e material para que o principal sindicato da Região Norte siga sendo combativo e de lutas. Siga Conlutas.”**
>
> Atenágoras Lopes

PETROLEIROS

OPOSIÇÃO PELA BASE DISPUTA SINDICATOS

AMÉRICO GOMES,
da Direção Nacional do PSTU

A reorganização no movimento sindical brasileiro começa a ganhar força entre os trabalhadores da Petrobras. Em vários sindicatos de petroleiros, assim como na Federação Única dos Petroleiros (FUP), estão se formando oposições pela base contra os dirigentes pelegos que se integraram ao aparato e hoje ocupam altos cargos de chefia na empresa.

A situação está tão complicada para a direção da FUP que eles pensam em adiar o congresso da entidade “para depois da Copa do Mundo”. Sabem que podem ficar em minoria se a eleição dos delegados ocorrer agora.

CONTRA os dirigentes pelegos ligados à FUP, Oposição organiza alternativas

Contra estes dirigentes que são a correia de transmissão do governo Lula no movimento sindical, foram organizadas duas fortes oposições com chances de ganhar os sindicatos.

No litoral paulista, sete diretores romperam com a Articulação e juntamente com setores da oposição montaram a Chapa 2 – **União e Transparência**. Em seus materiais denunciam a política econômica do governo Lula, a continuidade da realização de leilões das reservas de petróleo e os ataques ao Plano Petros BD.

Além disso, assumem o compromisso de abrir na base a discussão sobre a filiação à CUT e à FUP. As eleições do sindicato serão nos dias 22 e 23 de março.

NOVA DIREÇÃO NO RIO GRANDE DO NORTE

Com um programa bastante similar foi formada no Rio Grande do Norte a Chapa 2 - **Oposição Petroleira** “Pela Base”. Nos dias 18 e 19 realizou-se um seminário com a presença de Clarkson Araújo, diretor do Sindpetro AL/SE, onde se incorporaram ao programa críticas ao governo Lula e o eixo fundamental da chapa, a construção de um sindicato independente dos patrões e do governo.

A Chapa 2 também se comprometeu a abrir na base a discussão sobre a filiação do sindicato a CUT após as eleições e construir um bloco de oposição à atual diretoria da FUP no próximo congresso. As eleições ocorrerão nos dias 10, 11 e 12 de abril.

MOBILIZAÇÕES contra o Contrato Primeiro Emprego (CPE) incendeiam a França

DELPHINE MICHEL,
de São Paulo (SP)

FOTOS LIBCOM.ORG E INDYMEDIA.ORG

DE UMA INSURREIÇÃO JUVENIL A OUTRA...

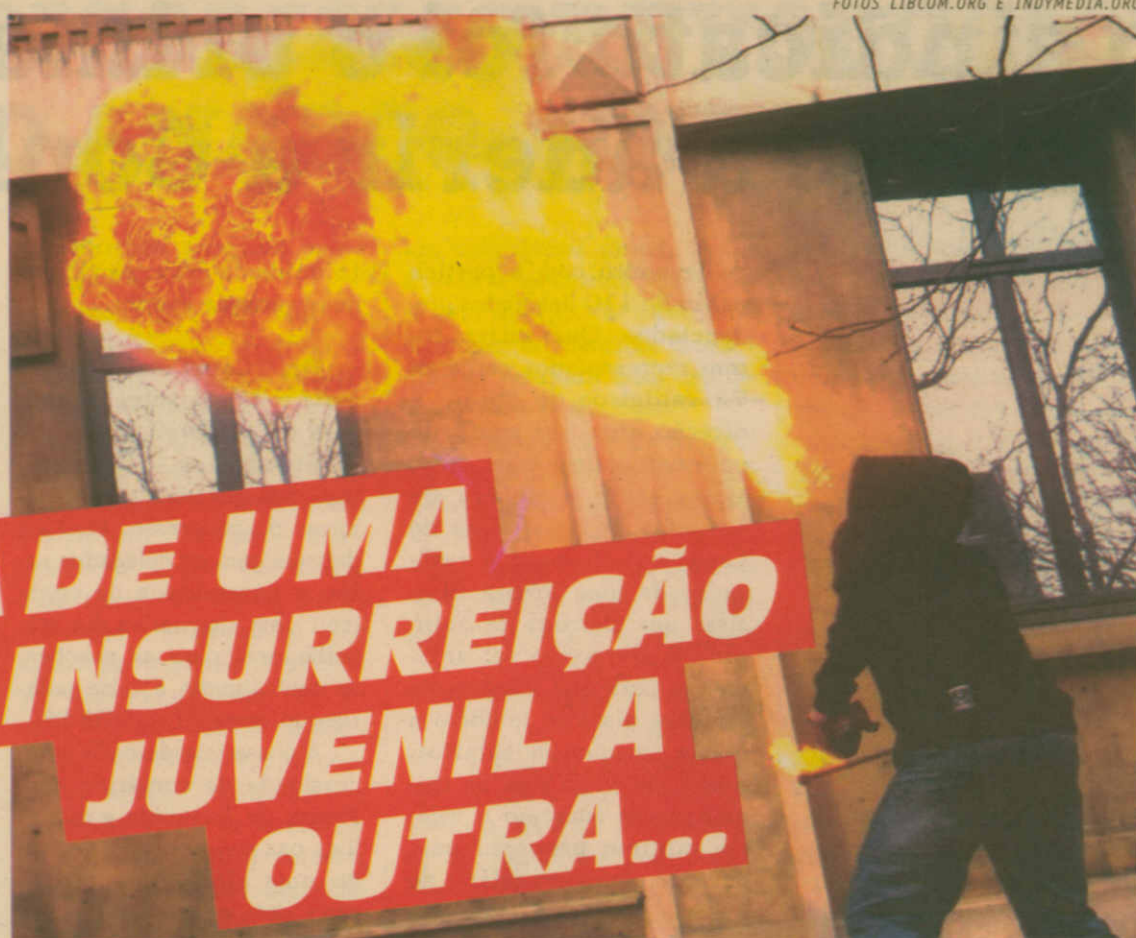
Um mihão e meio de manifestantes contra o CPE tomaram as ruas da França no sábado, 18 de março. Uma mobilização gigantesca com pelo menos 160 passeatas em diferentes cidades do país - só em Paris foram 350 mil. Além do caráter massivo, a radicalidade foi outra marca dos protestos.

Na praça da Sorbonne, em Paris, milhares de estudantes tentaram derrubar uma barreira metálica de dois metros de altura, montada pela polícia para impedir uma nova ocupação da universidade, aos gritos de "libertem a Sorbonne!". Só recuaram às custas de jatos d'água e bombas de gás. Neste dia houve 167 prisões e 52 feridos; destes, 34 policiais. E o mais grave: um sindicalista dos correios ferido pela polícia está hospitalizado em coma, correndo risco de morte.

A importância destas manifestações não se dá somente por seu caráter massivo e radicalidade, mas pela participação de um grande contingente de filhos e netos de imigrantes e trabalhadores das gerações mais velhas. Demonstração de que a consciência da luta contra a precarização das condições de trabalho, bem como a necessidade de estendê-la para o conjunto da classe trabalhadora, crescem com a força da mobilização.

ONDA CRESCENTE DE LUTAS CONTRA O GOVERNO CHIRAC-VILLEPIN

Apesar de o governo Chirac-Villepin ter imposto o CPE no início das férias escolares de inverno, o movimento tem crescido e se radicalizado. Desde 7 de fevereiro, quando mais de 200 mil saíram às ruas, a juventude demonstrou uma grande disposição de luta: ocupações, greves e ações simbólicas (como o bloqueio do Arco do Triunfo) se multiplicaram por todo o país.

Em 7 de março já eram um milhão de manifestantes e mais de 60 das 84 universidades públicas encontravam-se em greve. Os estudantes secundaristas começaram a se mobilizar: atualmente, já são mais de 300 escolas ocupadas ou paradas. Professores e funcionários de muitas universidades se solidarizam com o movimento. E mesmo alguns reitores – temerosos - pediram a suspensão do CPE e a abertura de negociações.

A ação de maior impacto antes das manifestações dos dias 16 e 18 foi a ocupação das universidades, com destaque para a Sorbonne, no dia 8 de março. Três dias depois, o governo, por meio de uma megaoperação policial durante a noite, desocupava violentamente essa importante universidade, acendendo um rastilho de pólvora que provocou uma onda de enfrentamentos no *Quartier Latin*, em Paris.

"A raiva e o ódio nos unificam. Poderia ter sido o CPE ou qualquer outra coisa, porque na França há cólera. Por isso explodem os subúrbios, votamos 'Não' pela Europa e agora mais de um milhão de pessoas se unem contra o CPE. É um estado de ânimo que se apoderou das ruas e se o governo não der uma resposta, não sei como terminará"

(Depoimento de uma estudante da Sorbonne publicado pelo jornal Clarín, em 19 de março)

No dia 16, quando as passeatas estudantis reuniram mais de 300 mil, houve inúmeros choques com a polícia: uma livraria incendiada, barricadas erguidas, carros destruídos. Para resistir à ofensiva da polícia, os jovens atiravam pedras, paus, garrafas. Durante o conflito, foram detidos 70 estudantes em Paris e 202 em toda a França.

"FENÔMENO FRANCÊS"

A ascensão da atual onda de lutas da juventude francesa se explica pela combinação de vários fatores: o alto índice de desemprego (entre os jovens com até 26 anos é de em média 22% e em alguns subúrbios chega até a 40%), o grande contingente de filhos e netos de imigrantes duplamente discriminados e a memória do Maio de 68.

A amplitude deste movimento se inscreve na continuidade das grandes sublevações estudantis que marcaram a história recente do movimento social francês: as passeatas de 1986 contra a reforma Devaquet, que propunha um exame de ingresso nas universidades, e as manifestações de 1994 contra o salário mínimo para a juventude do governo Balladur, arquivado de maneira envergonhada apenas dois meses após sua aprovação no parlamento.

Essa tradição levou a própria imprensa burguesa a referir-se a um "fenômeno francês" e chegar à seguinte conclusão: "não se pode governar contra a juventude".

DE ONDE VEM E O QUE É O CPE

Durante as mobilizações o CPE foi rapidamente apelidado com muita criatividade de *"Contrato Precariedade e Exclusão"*, *"Contrato Para Escravos"*, *"Contrato de Precariedade Eterna"* e, mais instigante, *"Coquetéis, Pedras e Enfrentamento"*.

O CPE é parte do projeto de lei para "Igualdade de Oportunidades" imposto pelo governo através de uma medida bonapartista no dia 9 de fevereiro à Assembléia Nacional. O projeto permite baixar a idade legal de aprendizagem profissional dos 16 para os 14 anos, torna legal o trabalho noturno a partir dos 15 anos, além de possibilitar a retirada dos benefícios sociais dos pais cujas crianças faltem à escola. Finalmente, sua principal medida, acrescentada de última hora, é o Contrato para o Primeiro Emprego (CPE).

Reservado aos jovens até 26 anos, o CPE tem a duração de, no máximo, dois anos e vai permitir aos empregadores demitir sem nenhuma justificativa ou custo, bastando comunicar a demissão com a antecedência de 15 dias. Para os patrões é só alegria: isenção de todos os custos sociais durante três anos, caso empreguem um jovem com menos de 26 anos sem trabalho há mais de seis meses.

De fato, o CPE tornou-se uma medida simbólica da precarização e se inscreve numa ofensiva geral que pretende desmantelar uma série de conquistas do conjunto da classe trabalhadora: imposição de horas-extras para os professores; demissões preventivas a crises econômicas das empresas; rediscussão das 35 horas semanais; limitação do seguro-desemprego; endurecimento das leis contra os imigrantes, como a Lei Sarkozy, que dificulta o acesso ao cartão de residente e torna impossível o agrupamento familiar.

A estratégia do governo é a instituição de um contrato único que acabaria com o Contrato com Duração Indeterminada (CDI) e generalizaria a precarização a todos os assalariados. O contrato único representaria a consagração de uma política aplicada desde o início dos anos 70 por todos os governos de direita e de "esquerda".

É bom lembrar que um maior número de contratos precários foi criado a partir de 1981, ano da eleição de François Mitterrand (Partido Socialista). Foi também o so-

cialista Lionel Jospin quem inventou a idéia "genial" de um Contrato de Duração Indeterminada com tempo determinado... Enfim, tanto os governos socialistas como os de direita fizeram de tudo para desmontar as antigas conquistas oriundas do falecido Estado de "Bem Estar Social".

CONTRATO DE PRECARIEDADE ETERNA: A RESPOSTA DE CHIRAC-VILLEPIN À INSURREIÇÃO DOS SUBÚRBIOS

No final do ano passado, a França já havia ocupado as manchetes da imprensa internacional com uma verdadeira insurreição juvenil nos subúrbios das grandes cidades. O mundo inteiro "descobriu" a verdadeira face de um país famoso por suas pretensas conquistas sociais: uma sociedade onde prospera o racismo e exclusão social, onde uma parte da juventude operária marginalizada botou fogo nos bairros para expressar seu desespero. Assim, o capitalismo com "rosto humano" da "Europa Social" foi bastante abalado.

A resposta imediata do governo foi a repressão violenta e medidas de exceção para supostamente restabelecer a "ordem", tudo orquestrado pelo Ministério do Interior, dirigido por Sarkozy. O governo chegou a decretar estado de urgência e toque de recolher em várias cidades, medidas não aplicadas na França desde 1962, durante a guerra da Argélia. O que representou uma amarga ironia: a maioria dos jovens rebelados é formada por filhos e netos de imigrantes das ex-colônias francesas inclusive, da Argélia.

Pouco depois do fim dos conflitos, os grandes jornais diários, particularmente o *Le Monde*, publicaram pesquisas divulgando o perfil social dos supostos delinqüentes: nenhum deles, fosse menor ou maior de idade, havia passado pela polícia; pelo contrário, engrossavam as fileiras dos trabalhadores precários ou faziam cursos profissionalizantes. Então, para "incluí-los" no mercado de trabalho, o governo propôs precarizar ainda mais os contratos trabalhistas. O que foi visto como uma verdadeira provocação.

Seria um equívoco não fazer um paralelo entre as manifestações contra o CPE e a insurreição dos jovens dos subúrbios no final de 2005. Sobretudo quando o governo apresenta cinicamente o CPE como sendo uma resposta para atender as reivindicações dos jovens, em particular dos filhos e netos de imigrantes.

Pouco antes das últimas mobilizações, durante a Plataforma de Toulouse, que reuniu coletivos juvenis de várias cidades, a pauta de reivindicações aprovada incluiu a exigência da libertação de todos os presos durante a insurreição de novembro de 2005. Além disso, para lembrar de maneira irônica as palavras de Sarkozy, que chamou os jovens dos subúrbios de *racaille* (*ralé*), alguns manifestantes contra o CPE levantavam cartazes onde se lia: *"Chiracaille"* (*Chirac ralé*).

Não se pode negar a convergência desses movimentos. Nos dois fenômenos encontramos a mesma radicalidade, a determinação de ir até as últimas conseqüências e o sentimento de ser excluído de uma sociedade que funciona com dois pesos e duas medidas.

A ÚLTIMA PALAVRA AINDA NÃO FOI DADA

Durante toda a noite do mesmo dia 18, reuniu-se em Dijon a Coordenação Nacional dos Estudantes, com a participação de 450 ativistas, representando delegações de 67 das 84 universidades públicas da França e 50 escolas secundárias. A reunião aprovou o Chamado de Dijon, que propõe seguir com as ocupações dos *campi*, deu 48 horas para o governo recuar, marcou novas manifestações nacionais para terça-feira, 21 de março, e outra para Paris na quinta, além de conclamar a organização de uma greve geral com os sindicatos dos trabalhadores.

O poder das mobilizações mais cedo ou mais tarde pode derrubar o primeiro-ministro Villepin do alto de sua intransigência. O editorial do *Le Monde* de 20 de março, intitulado *"Atenção: Perigo!"*, expressou de maneira contundente a divisão do governo e da burguesia francesa quando afirmava: *"Recusar a anulação do CPE é uma aposta irresponsável, porque seria aumentar mais ainda a fratura social e geracional que está minando a França"*.

Quando fechávamos esta edição, uma reunião das centrais sindicais – Confederação Geral do Trabalho (CGT), Força Operária (FO), Confederação Francesa Democrática do Trabalho (CFDT) e Confederação Francesa dos Trabalhadores Cristãos (CFTC) e Sindicato dos Trabalhadores em Educação (FSU) – com a Coordenação Nacional dos Estudantes, a União Nacional dos Estudantes Franceses (UNEF) e a Federação dos Estudantes Secundaristas (FIDL) marcava uma greve geral de 24 horas para 28 de março.

Os jovens e trabalhadores ainda não deram a última palavra. Chirac e Villepin estão aprendendo na prática que não se governa contra a juventude. Não há nada mais temido pela burguesia e pelo governo do que um novo Maio de 68.

O MAIO DE 1968 E O MARÇO DE 2006

O momento atual da França ainda é diferente da situação revolucionário que o país viveu em maio de 1968. No entanto, há muitas semelhanças. Em primeiro lugar, a juventude se coloca na vanguarda de uma luta contra o governo que se alastra ao conjunto dos trabalhadores, tendo como resultado a marcação de uma greve geral. Segundo, a radicalização do movimento com enfrentamentos e ocupações se choca com a intransigência do governo e a forte repressão policial.

Por último, ambos movimentos partem de uma reivindicação específica da juventude e depois se generalizam contra o governo, o regime e o sistema.

Estes fatos são percebidos até mesmo para o Le Figaro, *um dos jornais mais conservadores da França, que publicou o artigo* "Espectro do Maio de 68", *onde se lê:* "Já que a França sempre preferiu a revolução à reforma, o risco de uma ruptura radical não está descartado".

Jovens de 1968 e de 2006 lançam pedras contra colunas de policiais

JORNADA INTERNACIONAL CONTRA A OCUPAÇÃO DO IRAQUE

DA REDAÇÃO

A Jornada Internacional contra a Guerra e a Ocupação do Iraque assumiu diferentes expressões ao redor do mundo neste 18 de março. A data registra três anos desde o início da guerra colonial no país, quando milhões de manifestantes saíram às ruas de todo o planeta exigindo o fim da guerra e, logo depois, da ocupação militar sustentada por EUA e Inglaterra.

Em Londres, mais de 100 mil manifestantes foram às ruas protestar contra a ocupação, sob convocatória da coalizão "Stop the War". O grande protesto – bastante animado e combativo, com expressiva presença da juventude – chamou a responsabilidade do primeiro-ministro Tony Blair como "criminoso-de-guerra".

Na Espanha, as maiores manifestações reuniram cerca de 5 mil pessoas em Madri e Barcelona, sob convocatória da plataforma "Paremos la Guerra". O povo espanhol – que conquistou a primeira grande vitória do movimento antiguerra, ao arrancar a retirada das tropas espanholas do recém-eleito Felipe Zapatero – voltou às ruas exigindo a saída da Otan, o fim das bases militares norte-americanas no Estado espanhol e a retirada das tropas espanholas do Afeganistão e Haiti.

As manifestações nos centros imperialistas não chegaram a repetir as cifras de 2003 – 2 milhões de pessoas nas ruas de Londres e mais de 1,5 milhões em Barcelona, por exemplo – mas expressam o claro repúdio da população ao que uma faixa em manifestação européia descrevia como o "Guantánamo global".

WLADIMIR SOUZA / CROMAFOTO

No Brasil, mesmo debaixo de muita chuva, cerca de 500 manifestantes saíram pelas ruas de São Paulo. O ato foi chamado por entidades, partidos e movimentos sociais, tais como Conlutas, Conlute, MST, Marcha Mundial de Mulheres, movimento sem-teto, Ujaal (União da Juventude Árabe para América Latina), PSTU, P-SOL, PCB, PCO. Nenhuma bandeira, adesivo ou faixa da CUT pôde ser visto durante todo o protesto.

NEM LULA, NEM ALCKMIN! POR UMA FRENTE DE ESQUERDA CLASSISTA E SOCIALISTA

A disputa eleitoral de outubro já está definida em torno das candidaturas dos dois grandes blocos burgueses majoritários: Alckmin é o candidato da direita tradicional, do PSDB-PFL, de setores importantes do capital financeiro, industrial e agrário. Lula é candidato à reeleição (apesar de não ter ainda formalizado o anúncio), apoiado por setores importantes também do capital financeiro e industrial, assim como pela CUT, UNE e MST.

A direção do PT disseminou a idéia do "mal menor", que logo penetrou na consciência de amplas parcelas de trabalhadores, apoiadas materialmente nas pequenas concessões que o crescimento da economia permite, como o reajuste do salário mínimo ou a Bolsa Família.

MAL MENOR?

A falsa consciência do "mal menor" se compõe basicamente de duas idéias. A primeira pode ser sintetizada assim: *"é tudo a mesma coisa, mas pelo menos veio de baixo"*. Ou seja, Lula seria assim um governo dos trabalhadores, ou dos que "vieram de baixo".

Na verdade, Lula não é um governo dos trabalhadores. O que define um governo não é a origem social de seu presidente, mas para que classe social o governo trabalha. Com a cara de um ex-trabalhador, estamos frente a um governo que aplica uma política econômica claramente a serviço da grande burguesia, em particular dos banqueiros e do imperialismo.

A segunda falsa idéia é que *"o governo Lula tem seus problemas, mas é preciso evitar a volta da direita"*. Na verdade, a "direita" já está presente no governo Lula em sua política econômica, em sua corrupção. Ganhe qualquer um desses campos (PT ou PSDB-PFL), o programa de governo será o mesmo – do governo FHC, deste primeiro governo Lula. Sempre a serviço do grande capital, dos banqueiros e do imperialismo.

FALTA DEFINIR A OPOSIÇÃO DE ESQUERDA

Ainda falta a definição de vários elementos importantes do processo eleitoral. Um deles é se o PMDB vai ter ou não candidato próprio, o que pode significar a existência ou não de um segundo turno.

Mas o elemento mais importante é o terreno da oposição de esquerda ao governo: se vai ou não se construir uma frente classista e socialista. A necessidade é evidente. Para se contrapor à falsa polarização entre os dois grandes blocos eleitorais burgueses (PT-PCdoB x PSDB-PFL), é preciso apresentar uma candidatura unitária, que demonstre uma força superior, capaz de se mostrar como alternativa ao jogo perdido PT x PSDB.

AS BATALHAS PELA FRENTE

Nesse terreno, a boa notícia é a de que começaram as conversas entre os partidos de oposição de esquerda ao governo.

A Executiva do P-SOL apontou uma perspectiva de frente eleitoral com o **PSTU** e PCB (e outros setores), não aprovando a princípio uma frente com o PDT. Esta é uma resolução positiva, mas sobram grandes dúvidas sobre suas conclusões.

Em primeiro lugar, as negociações com o PDT seguem. Como existem setores importantes no P-SOL que defendem a aliança com o PDT, as discussões com este partido seguem existindo, e não existe até o momento uma definição categórica a respeito.

Como o PDT é um partido burguês, uma frente sinalizaria repetir o mesmo percurso do PT, com suas alianças eleitorais em que valia tudo. Não existe possibilidade de um programa comum: como o PDT inclui latifundiários, não se poderia ter um programa pela reforma agrária ou de apoio às ocupações de terras do MST. Como inclui setores da burguesia industrial, seria difícil apoiar as greves sem crises na frente. Além disso, como explicar a presença atual do PDT na prefeitura de São Paulo, junto com Serra? Uma aliança com o PDT inviabilizaria qualquer frente classista dos trabalhadores.

Em segundo lugar é preciso definir com clareza um programa. A oposição clara ao governo e à democracia dos ricos deve se somar a uma perspectiva anticapitalista e antiimperialista. A questão da dívida externa, por sua gravidade, deve ser encarada como um eixo de campanha, por expressar a necessidade de ruptura com o imperialismo e o modelo neoliberal.

Por último é preciso saber se o P-SOL quer realmente uma frente, ou quer somente apoio dos outros partidos ao próprio P-SOL. A candidatura de Heloísa Helena pode ser um ponto de convergência para formar a frente classista e socialista, caso signifique mais do que o P-SOL. Ela tem um peso eleitoral inegável e pode ser a expressão unitária da reorganização do movimento de massas, das lideranças das greves, mobilizações estudantis e populares. Mas para isso será necessária uma cultura de frente por parte do P-SOL, e não uma postura sectária, hegemonista, ocupando todos os cargos majoritários, por exemplo.

Recentemente a maioria dos partidos da esquerda argentina deu um péssimo exemplo durante o processo revolucionário ocorrido neste país, por não saber construir a unidade quando ela é necessária e possível. Não conseguem ter acordos nem para articular um ato pela mesma reivindicação. A esquerda brasileira precisa apresentar outra cultura: preservando suas diferenças, saber atuar de forma unitária, quando se apresentam as condições.

A Frente de Esquerda, Classista e Socialista é uma necessidade. É hora de construí-la.

WLADIMIR SOUZA / CROMAFOTO

Faixa do PSTU no ato contra a guerra em São Paulo